

FLUTUANDO PELO MUNDO: “SOCIEDADE CIVIL INTERNACIONAL”, HEGEMONIA E ESTADOS NACIONAIS

Elder Andrade de Paula¹

RESUMO: Nas duas últimas décadas a denominada “sociedade civil internacional” passou a frequentar, com intensidade crescente, o vocabulário acadêmico, político e o dos meios de comunicação em geral. Ela “floresceu” com a denominada “crise ecológica” e com a ascensão da doutrina neoliberal. Em linhas gerais, um reduzido grupo de grandes organizações não governamentais conservacionistas tem-se apresentado como representante da “sociedade civil internacional”. O objetivo deste artigo é problematizar a construção e exercício da hegemonia no âmbito do Estado nacional sob esse novo contexto de internacionalização da sociedade civil, valendo-nos, para a análise da questão geopolítica das interpretações de Luis Tápia. A problematização teórica pautar-se-á nos conceitos de “Estado ampliado” e “hegemonia” formulados por Antonio Gramsci com vistas a refletir sobre a construção de hegemonia na sua dimensão mundial.

PALAVRAS CHAVE: Sociedade civil internacional. Estado. Capitalismo verde.

ABSTRACT: In the last two decades, the so-called “international civil society” began to frequent, with increasing intensity the academic vocabulary, political and media in general. She “blossomed” with the so-called “ecological crisis” and with the rise of neoliberal doctrine. In general, a small group of big s

¹ Pós-doutor em Sociologia do Desenvolvimento pela Universidad Nacional Autónoma de México – Unam (2011). Professor da Universidade Federal do Acre e coordenador do Núcleo de Pesquisa: Estado Sociedade e Desenvolvimento na Amazônia Ocidental. E-mail: elderpaula@uol.com.br.

conservationist NGOs, has been presented as representative of the “international civil society”. The purpose of this communication is to discuss the construction and exercise of hegemony within the nation state under this new context of internationalization of civil society, drawing us to the question of geopolitical analysis from interpretations of Luis Tapia. The theoretical problematization will be guided by the concepts of “state extended” and “hegemony” formulated by Antonio Gramsci in order to reflect about the construction of hegemony in its global dimension.

KEYWORDS: International civil society. State. Green capitalism.

Em busca de um “porto seguro”

No mundo realmente invertido, a verdade é um momento do que é falso (Guy Debord).

O rádio ainda é, nesse início do século XXI, um dos mais importantes veículos de comunicação para as populações que vivem nos campos e florestas amazônicas. O programa “Natureza Viva”,² produzido pela Rádio Nacional e transmitido por ela e algumas emissoras conveniadas, tem grande audiência. Em uma manhã de domingo (abril de 2012) ouvimos a locutora Mara Régia

² O programa Natureza Viva está no ar desde 1993 e é resultado de “uma parceria entre WWF-Brasil, GTA (Grupo de Trabalho Amazônico) e Radiobrás, sendo apresentado todas as manhãs de domingo pela Rádio Nacional da Amazônia simultaneamente para nove estados da Amazônia Legal. Ganhador de diversos prêmios, o programa é reconhecido como parte da história recente da comunicação amazônica. Mara Régia, uma das 52 brasileiras indicadas ao Prêmio Nobel da Paz em 2005, pelo projeto 1000 Mulheres pela Paz, sintetiza bem o Natureza Viva: “Sempre nos preocupamos em não ser somente um programa de rádio, o Natureza Viva é um projeto de comunicação e conservação ambiental, fundamental para a democratização da comunicação brasileira”. Disponível em: <http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/reducao_de_impactos2/agua/agua_news/?5700>. Acesso em: 20 ago. 2012.

fazer a seguinte chamada para o próximo bloco do programa: “Greenpeace realiza primeira assembleia flutuante na Amazônia”. A ideia do título e recorte deste artigo foi influenciado por essa chamada e o que ela suscitou, intuitivamente, no sentido de “pensar com Gramsci”. Como sabemos, as formas e meios de comunicação receberam atenção especial nas reflexões desse revolucionário italiano.

Retornemos ao “Natureza Viva”. Reiniciado o programa, Mara Regia chamou Paulo Adario,³ coordenador de campanha “Amazônia”, do Greenpeace, para falar sobre a referida “assembleia flutuante”. Em linhas gerais, Paulo Adario informou que o referido evento fazia parte de um amplo leque de atividades que marcariam a passagem do *Rainbow Warrior* pela Amazônia e a jornada terminaria em um porto da cidade do Rio de Janeiro, às vésperas da Conferência das Nações Unidas sobre desenvolvimento sustentável (“Rio + 20”). Entre os objetivos anunciados, destacou a divulgação da campanha pelo “Desmatamento Zero” e o de levar as denúncias e demandas das “populações tradicionais” para a “Rio + 20”.

Além de belíssimas imagens do *Rainbow Warrior*⁴ singrando os rios circundados pelas exuberantes florestas amazônicas, ao buscarmos mais informações sobre essa “assembleia flutuante” chamou-nos a atenção as dezenas de pequenas embarcações, usadas pelas comunidades camponesas, atracadas ao redor do referido navio. A chamada do Greenpeace⁵ para o evento se

³ Paulo Adario é um dos fundadores do Greenpeace no Brasil (1992) e, desde 2001, coordena a campanha Amazônia. “O coordenador da campanha Amazônia do Greenpeace está entre as 100 pessoas mais influentes do Brasil, segundo lista publicada esta semana pela revista Época. Adario figura no grupo dos benfeitores e foi escolhido por sua defesa da floresta amazônica”. Disponível em <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/paulo-adario-entre-os-100-mais/>>. Acesso em: 20 ago. 2012.

⁴ O Greenpeace define *Rainbow Warrior* como o seu “mais novo e moderno navio de campanhas em visita inédita que marca o 20º aniversário da organização no Brasil” disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Blog/vozes-que-vm-da-floresta/blog/39865/>>. Acesso em: 2 abr. 2012.

⁵ O Greenpeace é uma das mais conhecidas ONGs conservacionistas

harmoniza de forma magnífica com as imagens, dizendo assim: “Hoje o Greenpeace organizou uma ‘assembléia flutuante’ ao redor do *Rainbow Warrior*, que serviu de palco para as comunidades extrativistas da Reserva Extrativista (Resex) Verde para Sempre, em Porto de Moz, no Pará, colocarem a boca no trombone”.⁶

Diante do conjunto da obra, imagens e discursos – o *Rainbow Warrior* servindo de palco para as comunidades extrativistas – a lembrança de *A sociedade do espetáculo*, de Guy Debord, foi imediata, pois “quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico”.⁷ Ao flutuar pelos rios amazônicos, o *Rainbow Warrior* cumpre essa função hipnótica na medida em que reitera os “milagres” que ciência e tecnologia podem produzir. Mais ainda, ao “transportar” as vozes e esperanças das “comunidades extrativistas” para a “Rio+20” ele retira o protagonismo das mesmas e as deixa à mercê das “flutuações” do Greenpeace.

do mundo. Foi fundado no início da década de 1970 no Canadá por imigrantes estadunidenses e conta atualmente com cerca de três milhões de colaboradores em todo o mundo. Na página web do Greenpeace Brasil aparece o seguinte relato sobre alguns dos seus fundadores: “O nova-iorquino Jim Bohlen era um ex-mergulhador e operador de radar da Marinha norte-americana durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1966, quando percebeu que o envolvimento norte-americano no Vietnã era irreversível, deixou a Marinha e mudou-se para Vancouver com a mulher, Marie. Lá, durante uma passeata contra a guerra, o casal conheceu Irving e Dorothy Stowe, que também havia abandonado os Estados Unidos por convicção religiosa. **Eles eram quackers, grupo religioso de tradição protestante que acredita numa forma pacífica de resistência, que consiste em estar fisicamente presente na cena de um acontecimento ruim como forma de impedi-lo**” (Destaques do autor). Esta forma de fazer protestos valendo-se de uma magnífica manipulação de imagens constituiu-se em um dos traços marcantes do Greenpeace no mundo. Por estas e outras razões, logrou costurar um leque de aliados com uma amplitude “oceânica”. Engloba desde grandes corporações, como as ligadas à exploração e comércio de madeiras tropicais, até movimentos camponeses. Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/quemsomos/Greenpeace-no-mundo/>>. Acesso em: 2 abr. 2012.

⁶ Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Blog/vozes-que-vm-da-floresta/blog/39865/>>. Acesso em: 2 abr. 2012.

⁷ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 18.

A fascinação provocada pelo *Rainbow Warrior* não foi menor nos portos das grandes cidades em que atracou, como Manaus, Belém, Rio de Janeiro. Esta última cidade ainda foi brindada pelo Greenpeace com uma “tenda verde”, montada no espaço ocupado pela “Cúpula dos Povos”, no Aterro do Flamengo. A referida tenda atraía centenas de pessoas para ver, entre outros, inúmeros aparelhos⁸ adaptados para funcionar com “energias alternativas”. Os ativistas do Greenpeace aproveitavam, ainda, para fazer coletas de assinaturas para a proposição da lei de iniciativa popular do “desmatamento zero”.

O Greenpeace divulgou que “o objetivo da campanha é recolher 1,4 milhão de assinaturas de eleitores brasileiros, para submeter ao Congresso Nacional o projeto de lei do desmatamento zero, de forma similar ao do Ficha Limpa”. Informou ainda, na mesma postagem, que no dia 15 de junho “apresenta [...] a lei de iniciativa popular do desmatamento zero na Cúpula dos Povos, evento paralelo à Rio+20. Ele será aberto ao público”. A referida matéria continua informando que “fizeram parte dos debates entidades como CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), Coiab (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira) e o PV (Partido Verde)”.⁹

Em síntese, com o relato supra queremos chamar atenção

⁸ Ao vermos aquele cenário lembramo-nos de imediato de José Carlos Mariátegui quando se reportava ao poder de atração que a civilização europeia exercia, atraindo “para sua órbita” “todos os povos e todas as raças”. O inglês que se estabelece num rincão da África, continua Mariátegui “leva para lá o telefone, o automóvel, o pólo. **Junto com as máquinas e mercadorias, deslocam-se as ideias e as emoções ocidentais.** Aparecem estranha e insolitamente vinculados a história e o pensamento dos povos mais diversos” (Destaques do autor). Nesse aspecto também, a “modernidade americana” segue os passos do colonialismo inglês. MARIÁTEGUI, J. C. *Por um socialismo indo-americano: ensaios escolhidos*. Seleção e introdução Michael Löwy. Trad. Luiz Sergio Henriques. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005, p. 37. (Col. Pensamento Crítico; v. 4).

⁹ Desmatamento zero na Cúpula dos Povos. Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Blog/desmatamento-zero-na-cupula-dos-povos/blog/40944/>>. Acesso em 15 jun. 2012.

para a sofisticada trama de articulações que opera na esfera da sociedade civil, no sentido de pavimentar as reformas voltadas para o “esverdeamento” do capitalismo. Se for verdade, como afirma A. Nadal,¹⁰ que a crise financeira iniciada em 2007 se converteu na “segunda grande depressão” do capitalismo, poderíamos então retornar aos “ensinamentos” da crise de 1929. Mesmo encarcerado, no turbilhão daquela crise, Gramsci percebeu de forma magistral as ações voltadas para reformar o capitalismo. Numa seção dos “Cadernos do cárcere”, agrupada em torno do tema “Americanismo e fordismo”, ele dedicou algumas páginas à análise do papel desempenhado pelo Rotary Club – segundo o pragmatismo estadunidense – na formação de consenso em torno das adaptações no capitalismo. Afirma Gramsci,

Os jesuítas criticam o Rotary por suas ligações com o protestantismo e a maçonaria: veem nele um instrumento do americanismo [...] O Rotary, contudo, não quer ser nem confessional nem maçônico: todos podem ingressar em suas fileiras, sejam maçons, protestantes ou católicos [...] parece que seu programa essencial é a difusão de um novo espírito capitalista, ou seja, a ideia de que a indústria e o comércio, antes de serem um negócio, são um serviço social, ou, mais precisamente, de que são e podem ser um negócio na medida em que são um “serviço”. **Em outras palavras: o Rotary gostaria que fosse superado o “capitalismo selvagem” e que se instaurasse um novo costume, mais favorável ao desenvolvimento das forças econômicas [...]** O “Código moral rotariano”. No congresso geral realizado em ST Louis, em 1928, foi aprovado o seguinte princípio: “O Rotary é fundamentalmente uma filosofia de vida que busca conciliar o eterno conflito existente entre o desejo de ganho pessoal e o dever e o conseqüente impulso de servir ao próximo. Esta filosofia é a filosofia do servidor de si antes de pensar em si, baseada no seguinte princípio moral: **quem serve melhor ganha mais**”. O mesmo congresso decidiu que todos os sócios do Rotary devem aceitar, **“sem juramento**

¹⁰ NADAL, A. Río + 20: sumisión al poder financiero. Disponível em: <<http://www.sinpermiso.info/textos/index.php?id=5106>>. Acesso em: jul. 2012.

secreto, sem dogma nem fé, mas cada um a seu modo, esta filosofia rotariana do serviço” [...] o Rotary é organização das classes dominantes e só se dirige ao povo indiretamente. É um tipo de organização essencialmente moderna.¹¹

A partir dessa *mirada* de Gramsci podemos encontrar um “porto seguro” para interpelar, no estertor dessa “segunda grande depressão”, as adaptações em curso no capitalismo. Assim como o Rotary Club, as ONGs comprometidas com o *hegemon* do capitalismo verde pretendem instaurar “novos costumes” mais apropriados à ecologização do capitalismo. Também como o Rotary, muitas delas operam em espaços transescalares, para além de fronteiras nacionais. São pragmáticas e seguem um “princípio moral” muito similar àquele de que “quem serve melhor ganha mais”. Há, contudo, uma diferença fundamental: enquanto o Rotary aparece associado às classes dominantes, as grandes ONGs comprometidas com o *hegemon* esmeram-se em encobrir tais vínculos. A articulação do discurso conservacionista com o multiculturalismo¹² serve como “passaporte” para apresentarem-se como representantes da “sociedade civil internacional”. Na seção seguinte, procuramos situar melhor essa proposição, valendo-nos do exemplo da “Rio+20” como elemento analítico.

“Rio+20” anos de avanço no esverdeamento do capitalismo

¹¹ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, v. 4. Ed. e Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2001, p. 295-298. Passim. (Destaques do autor)

¹² Ao analisar as influências do multiculturalismo nas políticas neoliberais adotadas pelo governo Sanchez de Lozada na Bolívia, Rivera afirma que o multiculturalismo oficial apoiado em fórmulas como “etno-turismo” e “eco-turismo”, além de “teatralizar” e por em jogo a condição “originária” [...] ha sido el mecanismo encubridor por excelencia de las nuevas formas de colonización. Las elites adoptan una estrategia de travestismo y articulan nuevos esquemas de cooptación y neutralización. Se reproduce así una “inclusión condicionada”, una ciudadanía recortada y de segunda clase, que moldea imaginarios e identidades subalternizadas al papel de ornamentos o masas anónimas que teatralizan su propia identidad”. RIVERA, Cusicanqui Silvia. *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010, p. 58-60.

Os preparativos, a realização e as conclusões da “Rio +20” e da “Cúpula dos Povos” constituem-se em um monumental acervo para reflexões acerca das adaptações em curso no capitalismo. Em linhas gerais, o tema da “economia verde” polarizou os debates tanto nos dois eventos mencionados, quanto nas centenas de atividades paralelas (aproximadamente 700) realizadas em outros espaços na cidade do Rio de Janeiro.

Um exame criterioso do “Documento Final de la Conferencia”¹³ ajuda bastante na compreensão dos avanços nas adaptações voltadas para esverdear o capitalismo. O simulacro de uma polarização entre “economia verde” e “desenvolvimento sustentável” foi extremamente eficaz, no sentido de tirar o capitalismo de cena. O modo como a Conferência das Nações Unidas sobre desenvolvimento sustentável articulou a ideologia do “desenvolvimento sustentável” com a sua tradução material, a “economia verde”, logrou efetivamente dirimir as dúvidas sobre eventuais antagonismos entre ambos, como mostra a formulação a seguir:

Afirmamos que cada país dispone de diferentes enfoques, visiones, modelos e instrumentos, en función de sus circunstancias y prioridades nacionales, para lograr el desarrollo sostenible en sus tres dimensiones, que es nuestro objetivo general. A este respecto, consideramos que la economía verde en el contexto del desarrollo sostenible y la erradicación de la pobreza es uno de los instrumentos más importantes disponibles para lograr el desarrollo sostenible y que podría ofrecer alternativas en cuanto a formulación de políticas, pero no debería consistir en un conjunto de normas rígidas. Ponemos de relieve que la economía verde debería contribuir a la erradicación de la pobreza y el crecimiento económico sostenible, aumentando la inclusión social, mejorando el bienestar humano y creando oportunidades de empleo y trabajo decente para todos, manteniendo al mismo tiempo el funcionamiento saludable de los

¹³ O “Documento Final de la Conferencia” expressa em 59 páginas os 283 compromissos firmados pelas delegações presentes na “Rio + 20”. Disponível em: <http://www.uncsd2012.org/content/documents/778futurewewant_spanish.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2012.

ecosistemas de la Tierra.¹⁴

A proposição supra sintetiza bem o que Ribeiro denominou de “novo acordo verde global”, proposto em 2008 pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – Pnuma. Esse “acordo verde global” planeja enfrentar a crise financeira e climática redirigindo as inversões para o “capital natural”, ofertando estímulos fiscais para empresas voltadas para a produção de “energias limpas” e, também, para ampliar os mercados de carbono.¹⁵

O “novo acordo verde global”, além de reiterar e aprofundar novas formas de mercantilização dos bens naturais pactuadas no passado recente¹⁶ avança na financeirização da natureza. Ao conjunto de iniciativas voltadas para a materialização dessas “adaptações”, Lhoman denominou como “neoliberalização do clima”. De acordo com o referido autor,

Durante la última década, el comercio de emisiones se ha revelado como la pieza clave de las iniciativas mundiales para luchar contra el cambio climático [...] una serie de grandes empresas, organismos financieros, centros académicos, gobiernos, agencias de las Naciones Unidas e **incluso grupos ecologistas comenzaron a promover un enfoque neoliberal y mercantilista frente al cambio climático, una corriente que surge principalmente de los Estados Unidos.** (destaque do autor).¹⁷

Esse investimento nas reformas do capitalismo, nucleada

¹⁴ *La economía verde en el contexto del desarrollo sostenible y la erradicación de la pobreza*. Disponível em: <http://www.uncsd2012.org/content/documents/778futurewewant_spanish.pdf>. Acesso em: ago. 2012.

¹⁵ RIBEIRO, Silvia. Los verdaderos colores de la economía verde. Disponível em: <http://www.ecoportal.net/Temas_Especiales/Economia/Los_verdaderos_colores_de_la_economia_verde>. Acesso em: 20 maio 2012.

¹⁶ Referimo-nos especialmente ao Relatório Brundtland (1987) e à Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Cnumad), conhecida também como “Eco 92”, realizada no Rio de Janeiro.

¹⁷ LHOMANN, Larry. *Mercados de carbono: la neoliberalización del clima*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2012. p. 20.

novamente nos Estados Unidos, parece bem mais sofisticada e complexa do que aquela antevista por Gramsci quando *mirou* o papel do Rotary Club. Além dos entrelaçamentos entre sociedade civil e sociedade política em espaços transescalares, a instrumentalização pragmática da “questão ambiental” naturaliza a desnaturalização da natureza. Aprofunda-se assim, em escala planetária, o que Echeverría caracterizou como “americanização da modernidade capitalista”. Segundo ele,

La *hibris* o desmesura absoluta de la modernidad ‘americana’ consiste en la pretensión de haber alcanzado al fin una subsunción total de la “forma natural” de la vida humana y su mundo a la “forma de valor”, subsunción que habría llegado no solo a refuncionalizar esa vida “desde afuera y desde adentro”, sino de plano a anular en ella esa “forma natural”. Se manifiesta en la vida práctica a través de la impugnación tacita de una “naturalidad” como fundamento del mundo de la vida; a través de la reivindicación, inherente a esta práctica, de la autosuficiencia de su “artificialidad”. Por contraste, el respecto de esta “naturalidad” social e histórica en la modernidad europea pareciera ser la causa de la crisis y la decadencia de ésta.¹⁸

A partir dessa fina percepção de um dos sentidos da “modernidade americana” – subsunção total da vida humana à forma de valor – pode-se compreender melhor a formação de um “consenso ativo”, nos termos propostos por Gramsci¹⁹, em torno da mercantilização e financeirização dos bens naturais. No caso latino-americano, os últimos 20 anos foram marcados por uma monumental desregulamentação voltada à promoção de adaptações políticas/jurídicas submetida a esse imperativo. Depois de instituir a privatização das florestas para exploração madeireira sob formas de “concessões florestais”,²⁰ está em

¹⁸ ECHEVERRÍA, Bolívar “La modernidad americana” (claves para su comprensión). In: _____. (compilador). *La americanización de la modernidad*. Mexico-DF: Ediciones Era/Unam, 2008, p. 30-31.

¹⁹ GRAMSCI, Antonio. *Obras escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

²⁰ Para mais informações sobre essa escalada de mercantilização e

curso agora a institucionalização de Pagamentos por Serviços Ambientais – PSA. O PSA foi objeto de uma publicação especial do Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais –WRM (sigla em inglês), no seu Boletim 175. Entre o detalhado esclarecimento sobre o seu significado, destacamos o seguinte:

‘Serviço ambiental’, também chamado de ‘serviço ecossistêmico’, inclui o substantivo ‘serviço’, um termo bastante utilizado na economia capitalista de mercado, na qual atuam empresas e profissionais que prestam os mais variados serviços e cobram por isso. Portanto, o ‘serviço ambiental’ sugere que tem, por um lado, algo ou alguém que o presta ou providencia e, por outro lado, alguém que o recebe e o utiliza. Essa lógica parece se aplicar também no caso do ‘serviço ambiental’ e seu ‘comércio’. Entretanto, há algo particular no caso do ‘serviço ambiental’. Ele não é ‘prestado’ por uma pessoa ou empresa, é simplesmente ‘ofertado’ pela natureza e de forma gratuita. Os defensores dos ‘serviços ambientais’ dão como exemplo áreas de floresta que, devido à sua vegetação densa, conseguem ‘armazenar’ e ‘produzir’ o ‘serviço ambiental’ água que, por sua vez, garante o abastecimento de uma aldeia indígena que vive nessa floresta e de um pequeno vilarejo nas proximidades. Parece que a ‘natureza’ está, neste caso, sendo transformada em uma espécie de ‘fábrica de água’! Como veremos depois, há muitos interesses corporativos vinculados a esse processo.²¹

Com o PSA a “modernidade americana”, tal como interpretada por Echeverría, dá mais um largo passo na artificialização do natural para subordiná-lo a uma “naturalidade própria do valor da mercadoria-capital”. A formulação do PSA como inovação

financeirização dos bens naturais na América Latina e Caribe ver “*Economía Verde. El asalto final a los bienes comunes*” Compendio Especial de la Revista Biodiversidad: Biodiversidad sustento y culturas, editada por Alianza Biodiversidad & Amigos de la Tierra América Latina y el Caribe & WRM. Versão digital pode ser encontrada em: <www.wrm.org.uy> e <<http://www.grain.org/article/categories/91-biodiversidad>>.

²¹ Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais – WRM (sigla em inglês). Boletim 175. Disponível em: <<http://www.wrm.org.uy>>. Acesso em: 17 mar. 2012.

virtuosa em termos “socioambientais”, tornada senso comum, tem sido altamente eficaz. Tivemos a oportunidade de comprovar tal eficácia em diversas ocasiões em que participamos de eventos junto a representações camponesas e indígenas na tríplice fronteira Brasil/Peru/Bolívia. Para explicitar melhor do que se trata, citaremos o caso ocorrido em março de 2012 na Aldeia Kamikuã do Povo Apurinã, no Sul do estado Amazonas, quando participávamos de um debate sobre “Grandes projetos na Amazônia e PSA”. Durante o debate, uma liderança indígena fez uma fala referindo-se aos serviços ambientais prestados pela floresta e sua importância para evitar as “mudanças climáticas no Planeta”. Dado que são os povos indígenas que protegem as florestas, argumentou que seria justo receberem um pagamento por esse “serviço”. Vale ressaltar que esse posicionamento suscitou grande polêmica e indicou com muita nitidez os novos conflitos que se anunciam com a espoliação sob o capitalismo verde.

Essa tarefa monumental de construir um “consenso ativo”, em torno do capitalismo verde, tem sido levada a cabo pelos “novos rotarys”, as grandes ONGs conservacionistas.²² Elas apresentam-se como porta-vozes do que denominam como “sociedade civil internacional” e atuam em redes que se espalham de *Wall Street* até o coração das florestas tropicais. A intermediação para financiar “projetos de desenvolvimento sustentável”, subordinados à matriz

²² Para saber mais a esse respeito ver, especialmente, DIEGUES, Carlos (Org.). *A ecologia política das grandes ONGs transnacionais conservacionistas*. São Paulo: NUPAUB-USP, 2008. Trata-se de uma coletânea de artigos que analisam o papel desempenhado no mundo por “megas ONGs” como WWF, TNC e CI. De acordo com Diegues, “A importância dessas mega-organizações cresceu assustadoramente nas duas últimas décadas, pela sua rápida implantação em países do Terceiro Mundo [...] quando firmou-se o modelo neoliberal de ‘Estado mínimo’[...] muitos órgãos multilaterais, fundações (e corporações), órgãos de assistência técnico/financeira norte americanos e europeus passaram a financiar diretamente as ONGs, consideradas ‘representantes da sociedade civil internacional em formação’, ‘mais confiáveis, não corruptas e eficazes’ que as instituições governamentais dos países do Sul [...] a vinculação crescente dessas mega-organizações conservacionistas com corporações multinacionais, sobretudo norteamericanas”. Ibidem, p. 14-15.

do “acordo verde global”, estabeleceu laços de dependência junto às representações de movimentos sociais e milhares de ONGs locais que orbitam em torno dessas redes. *Pari passu* logrou influenciar tanto as pautas de reivindicações quanto a introdução de uma nova linguagem, carregada de termos aparentemente “científicos” que aportam legitimidade ao capitalismo verde.

Um rápido olhar sobre o conjunto de atividades que marcaram a realização da “Cúpula dos Povos” no Aterro do Flamengo parece suficiente para dar a dimensão do enraizamento e influência desses “novos rotarys” na “sociedade civil”. O tema do “desenvolvimento sustentável” e a agenda a ele conexas foram predominantes nas centenas de “atividades autogestionadas”.²³ Por estas e outras razões, na “Declaração Final” aparece, logo no parágrafo inicial, a chamada para o “desafio urgente de frear a nova fase de recomposição do capitalismo e de construir, através de nossas lutas, novos paradigmas de sociedade”.²⁴

Entre os *kamyry*: hegemonia e contra-hegemonia sob o capitalismo verde

Com os argumentos apresentados até aqui procuramos enfatizar a ideia de que a construção e manutenção de hegemonia – interpretada como processo de direção que, segundo Gramsci,²⁵ se desenvolve não somente nas esferas econômica e política da sociedade mas, também, sobre os modos de pensar, conhecer e produzir ideologia – se internacionalizou mais no período recente. Uma das características marcantes desse processo reside na crescente influência da autodenominada “sociedade civil internacional” na formação de um consenso ativo em torno

²³ A relação completa destas atividades está disponível em: <http://cupuladospovos.org.br/wp-content/uploads/2012/03/programa-autogestionadas-ATIVIDADES-alfabetico_FINAL.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2012.

²⁴ Declaração final da Cúpula dos Povos na Rio + 20. Disponível em: <<http://cupuladospovos.org.br/2012/06/declaracao-final-da-cupula-dos-povos-na-rio20-2/>>. Acesso em: 1 ago. 2012.

²⁵ GRAMSCI, A. 1978, op. cit.

das reformas no capitalismo com vistas a esverdeá-lo.

Assim, o ambientalismo, identificado com o capitalismo verde, além de concorrer para as adaptações nas concepções mentais de mundo – no sentido de incorporar “comportamentos individuais ecologicamente corretos” – passa a interferir também nas funções do Estado como “educador”. O programa “Natureza Viva”, citado no início deste artigo, é apenas um dos exemplos da materialização dessa interferência. Em trabalho recente²⁶ mostramos, a partir de estudos realizados na tríplice fronteira Brasil/Peru/Bolívia, como as grandes ONGs internacionais influenciaram nas políticas governamentais que orientaram a re-territorialização capitalista naquela região.

O crescimento da influência das grandes ONGs na esfera da sociedade civil cria, por um lado, condições de monopólio da voz em temas especializados como o do conservacionismo. Por outro, difere do passado recente do capitalismo quando a identificação das principais organizações atuantes na sociedade civil com as classes fundamentais²⁷ parecia mais nítida. Agora, esses vínculos não aparecem com essa nitidez. Ao contrário, fazem-se esforços monumentais para ocultá-los, valendo-se principalmente dos supostos interesses “comuns” e “sem fronteiras” da “defesa do meio ambiente”.

No caso da Amazônia continental, a crescente presença dessas grandes ONGs, de forma direta ou indireta, através de suas organizações satélites, nos fez associá-las aos *kamyry*.²⁸

²⁶ PAULA, Elder A. *Transgredindo fronteiras*, Amazônia no espelho de Caliban. México: Unam, 2011. México-DF, 2011. 108 p. Relatório de Pós-doutoramento.

²⁷ Referimo-nos fundamentalmente àquelas formadas no mundo do trabalho (organização sindical e outras formas de representação do operariado e campesinato) e na esfera do capital (federações de indústria, bancos etc.)

²⁸ De acordo com Kroemer “os *kamyry*, isto é, almas dos defuntos [...] moravam nas densas florestas, debaixo de árvores altas. Era como uma sombra, sem nariz e sem cabelo, tendo um pênis de apenas 1 cm de comprimento. Comprimia o peito do indivíduo até matá-lo”. O cacique Abdias (Povo Apurinã) nos deu outra definição em uma conversa informal, que é a que estamos usando nesta comunicação. Isto é, a de que os *kamyry* podem se apresentar de variadas formas e em qualquer lugar. KROEMER, Gunter. *Cuxiuara*, o

Para o Povo Apurinã, entre os tantos espíritos que povoam as matas estão os *kamyry*. Eles podem se apresentar de variadas formas, humanas ou de outros seres vivos, como os pássaros. A sua aparição pode estar associada a um desejo de ajudar ou de fazer alguma maldade, de tal sorte que não se pode identificar, *a priori*, de que lado está o *kamyry*. Somente os pajés têm o poder e a possibilidade de saber as “verdadeiras intenções” dos *kamyry*. Analogamente, podemos inferir que, quando se trata de algumas ONGs conservacionistas atuantes na Amazônia, como é o caso do Greenpeace, até mesmo um pajé pode se confundir ao entrar no *Rainbow Warrior*.

Em suma, com a entrada em cena dessas grandes ONGs conservacionistas, o exercício da hegemonia burguesa torna-se mais complexo e sofisticado. Ou seja, ao apresentarem-se como representantes da autodenominada “sociedade civil internacional”, comprometidas com o interesse geral da humanidade e com a “defesa do meio ambiente”, ocultam eficazmente o papel representado por elas no exercício de uma hegemonia burguesa revitalizada sob os desígnios do capitalismo verde.

Sob esse contexto, não nos parece suficiente pensar a hegemonia para além de relações interestatais, mas ampliando-a para aquelas de natureza intraestatais, como sugere Arrighi.²⁹ Em trabalho já mencionado anteriormente,³⁰ problematizamos essa questão numa perspectiva geopolítica, valendo-nos do estudo das lutas de resistência camponesa e indígena na tríplice fronteira Brasil/Peru/Bolívia. Nas assimetrias de poder entre esses três Estados³¹ e sua interface como o *hegemon* global, vislumbramos

Purus dos indígenas: Ensaio etno-histórico e etnográfico sobre os índios do Médio Purus. São Paulo: Loyola, 1985, p. 112.

²⁹ ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Edunesp, 1996.

³⁰ PAULA, E. A. 2011, op. cit.

³¹ Acentuadas pela maior ofensiva do Brasil como potência subimperialista regional, tal como interpretado por Rui Mauro Marini. La acumulación capitalista mundial y el subimperialismo. In: *Cuadernos Políticos*. n. 12. México: Ediciones Era, 1977.

parte do complexo entrelaçamento das questões supras no processo de re-territorialização sob a matriz do capitalismo verde.

A proposição de Luis Tapia,³² no sentido de pensar a democracia geopoliticamente, iluminou substancialmente a análise da questão. Ao retomar e ampliar o conceito de “formação primordial” em Marx e Zavaleta,³³ o referido autor ressalta não só a heterogeneidade das relações entre sociedade política e sociedade civil, como também incorpora a interface dessa última com a natureza. De acordo com Tapia,

una primera ampliación de la noción de forma primordial que sugiero es pensar que ella bien puede servir para pensar el conjunto de relaciones entre estado y sociedad civil, es decir, la dimensión moderna diferenciada interna-mente y el modo en que se relaciona con el conjunto de estructuras comunitarias o de espacios sociales o formas sociales que no han experimentado internamente esta distinción, pero forman parte del mismo país [...] En el caso boliviano [...] se han generado formas en que los diferentes pueblos y culturas interactúan con la sociedad civil y el estado, por lo tanto, han generado organizaciones que forman parte de la sociedad civil pero que no son las estructuras de autoridad propias de su sociedad [...] El segundo tipo de ampliación que sugiero consiste en pensar que

³² TAPIA, Luis. *Pensando la democracia geopolíticamente*. La Paz: Muela del Diablo Editores/Comuna/CLACSO/CIDES-UMSA, 2009.

³³ René Zavaleta Mercado valeu-se também do aporte de Gramsci para pensar hegemonia e contra-hegemonia em um tipo de formação social como a da Bolívia. Como sintetizou Luis Antezana em “Dos conceptos en la obra de René Zavaleta Mercado: Formación abigarrada y democracia como autodeterminación. Disponível em: <<http://www.iicab.org.bo/Docs/MAESTRIA1/M1/unidad-1/Lonacionalpopular-LuisAntezana.pdf>>. Acesso em: 1 ago. 2012. Zavaleta deslocou o problema do hegemônico em e sobre a diversidade até uma percepção de hegemonia da diversidade. Essa hegemonia da diversidade pode ser traduzida nas tentativas de construção, na Bolívia e Equador, dos Estados Plurinacionais, que podem ser interpretados como uma revanche de “los de abajo” contra o legado da espoliação e discriminação racial instituído pelo domínio colonial e reiterado pelas classes dominantes “nativas” com a edificação dos estados nacionais em ‘Nuestra América’”.

la noción de forma primordial nos podría permitir pensar no solo las relaciones entre estado-sociedad civil y estructuras comunitarias [...] sino que ampliada para mas allá de los horizontes modernos, podría servir para pensar el conjunto de las relaciones entre la forma de vida política o gobierno, las estructuras de las relaciones sociales y el modo en que las colectividades se relacionan con la naturaleza y la transforman.³⁴

Com essa “ampliação” do conceito de “formação primordial” podemos dimensionar melhor os desafios da atualização de uma práxis contra-hegemônica. Isto é, ao contrário do passado recente em que a modernidade capitalista era confrontada com a socialista como alternativa “universal”,³⁵ agora parece um pouco mais complexa. Uma práxis contra-hegemônica que se articule em espaços multiescalares terá que, necessariamente, operar com a proposição de “outros mundos” em que caibam, como querem os zapatistas do EZLN – Ejército Zapatista de Libertación Nacional – “muitos mundos”, mas que não tenha lugar para o capital e o capitalismo.³⁶

Enfim, caberia perguntar se o vigor analítico/interpretativo contido no pensamento de Gramsci se esgota nas estratégias revolucionárias dele derivadas, consagradas e malogradas. Referimos-nos explicitamente ao enfrentamento dos novos desafios para a re-configuração de uma práxis anti-capitalista que se projete para mais além da “negação”. Isto significa

³⁴ TAPIA, L., op. cit., p. 37.

³⁵ Salvo honrosas exceções, como a notabilizada pelo pensamento do revolucionário peruano José Carlos Mariátegui. Ele primou por interpretar a heterogeneidade como valor positivo nas lutas anticapitalistas e por conseguinte, na construção de formas de socialismo distintas da matriz ocidental europeia. A irrupção das rebeliões indígenas na Bolívia e Equador na virada do século XX e seus logros, entre outros, na construção dos Estados Plurinacionais, mostraram o vigor daquilo que Mariátegui havia anunciado seis décadas atrás.

³⁶ Sobre essa perspectiva, ver: CECEÑA, Ana Esther. *Derivas del mundo en el que caben todos los mundos*. México-DF; Siglo XXI; Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2008.

vislumbrar novos horizontes nos tortuosos caminhos da “negação da negação”, como sugere de forma instigante Ana Esther Ceceña.³⁷ Afinal de contas, no limiar do século XXI, é desse “vulcão latinoamericano” que se espraiam energias e novas fontes de inspirações para re-inventar projetos e sonhos que movem apaixonadamente os “de baixo” para o “assalto aos céus”.³⁸

³⁷ *Ibidem.*

³⁸ Expressão usada por Marx para referir-se ao advento da Comuna de Paris.